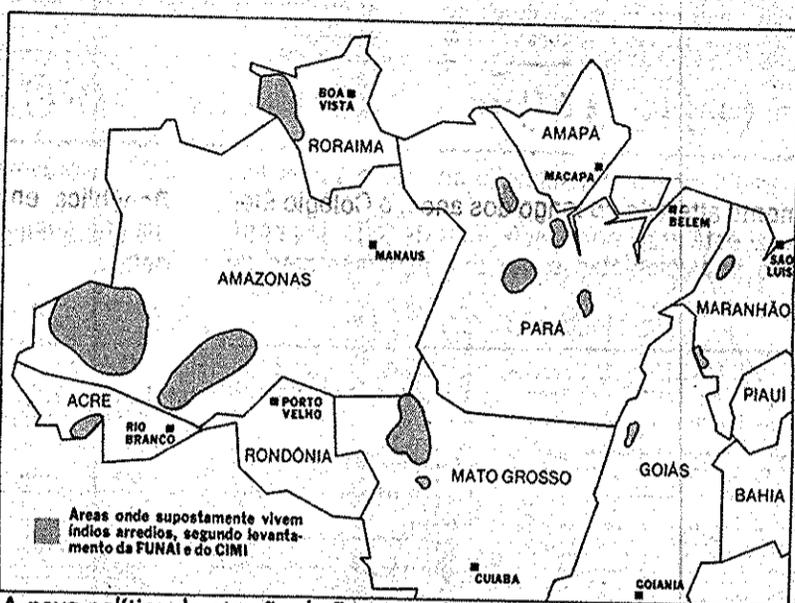


Funai enviará indigenista para 190 tentar negociar com txucarramãe

BRASÍLIA — A Funai informou ontem que pretende enviar, no início desta semana, o indigenista Sidney Possuelo ao Parque do Xingu, para tentar um entendimento com os guerreiros Txucarramãe da Aldeia do Kretire. Ele deverá ir inicialmente a um dos postos indígenas próximo à aldeia e fazer o contato por rádio. Caso consiga acalmar os ânimos e ser recebido pelos índios, procurará preparar uma visita do Presidente Otávio Ferreira Lima à reserva.

Cerca de 200 índios de todo o País estão sendo esperados hoje, em Brasília, para participar do II Encontro Nacional dos Povos Indígenas do Brasil, que até sexta-feira discutirá basicamente três temas: o artigo do novo Código Civil, que considera o índio "absolutamente incapaz", o novo projeto de emancipação e o decreto presidencial que deu às empresas particulares o direito de mineração e garimpo em reservas indígenas.



A nova política de atração da Funai estabelece que só será feito contato quando houver, comprovadamente, algum perigo que coloque em risco a integridade desses grupos indígenas arredios

15.000 índios vivem isolados na Amazônia

BRASÍLIA — Cerca de 15 mil índios brasileiros, segundo cálculos da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), ainda vivem hoje, espalhados pela Amazônia Legal, sem qualquer contato com a civilização do homem branco. Mas tanto a Funai quanto as entidades ligadas à causa indígena, partindo do princípio de que qualquer contato traz mais malefícios do que vantagens aos índios, concordam que a permanência dessas tribos em seu paraíso tem os dias contados: as frentes de expansão da sociedade nacional avançam cada vez mais e, a curto ou médio prazo, o contato é inevitável.

Embora considerando que o ideal seria "parar a civilização", a Funai — que tem hoje seis frentes de atração para "índios novos" — estabeleceu, na última semana, nova política de atração, tentando reviver o velho espírito indigenista, baseado em princípios humanitários: o contato só será feito quando houver, comprovadamente, algum perigo que coloque em risco a integridade do grupo. Mas o Cimi, que também tem feito contato com índios arredios, não poupa críticas aos métodos de atração da Funai, classificando-os de imediatistas, feitos em função de alguma estrada ou obra a ser construída nas terras de índios isolados.

Na região do Rio Juruena, missionários católicos estão tentando contato com uma tribo de índios canoeiros. No Alto Solimões, principalmente no final do terrrtraçado da Transamazônica, perto da fronteira com o Peru, existem vários grupos sem contato, assim como na área do Rio

Médio Purus. No Norte de Goiás, missionários católicos contataram, recentemente, um grupo de 12 índios, subgrupo dos Ava-Canoeiros.

O maior grupo de índios isolados do Brasil ainda é o Yanomami, oito mil indígenas que vivem em Roraima, fronteira com a Venezuela. Segundo a Funai, alguns yanomamis já entraram em contato com o branco, mas a maior parte da população ainda está embrenhada nas matas.

A última atração feita pela Funai, segundo o indigenista Sydney Possuelo, foi a dos índios Parakana, ao norte da Serra dos Carajás, no Pará, em dezembro passado, quando foram contatados 101 índios.

MÉTODO

A atração de índios arredios é, para os sertanistas, quase sempre uma aventura, embora cada vez mais rara nos dias de hoje. Para Sydney Possuelo, a primeira luta é manter a integridade do território. Quando a Funai consegue identificar uma área e comprovar a existência de "índios novos", o primeiro passo é interditá-la e "limpá-la" de elementos nocivos ao trabalho. Para isto, encontra dificuldades legais por causa da presença de fazendeiros, garimpeiros e trabalhadores.

Depois de delimitada a área e identificadas as malocas ou a região onde o índio perambula (alguns grupos são nômades ou seminômades), a frente de atração se embrenha na mata, onde pode permanecer até por vários meses. O número de membros da equipe e o próprio método de atração variam de acordo com o grupo a ser contatado.

Para o sertanista Apoená Meirel-

les, da Funai, quem comanda o processo é o índio: quando se trata de um grupo pacífico, o contato se faz até mesmo com um simples encontro na selva, com troca de presentes. Já os índios mais arredios necessitam de um período de "namoro", quando os sertanistas colocam presentes num local de passagem do grupo e se retiram. Dias depois, voltam para verificar se seus presentes foram retirados e retribuídos pelos índios, sinal de que o contato já pode ser feito.

O prazo para que se estabeleça um contato com índios novos pode variar, então, entre dias e anos. O Arara, do Pará, grupo que se tornou altamente belicoso depois da construção da Transamazônica, que cortou seu território, levaram onze anos para aceitar a atração do homem branco, finalmente conseguida em 1981.

Segundo o Cimi, não se tem notícia de nenhuma tribo, no Brasil, que não tenha tido sua população drasticamente reduzida depois do primeiro contato. Como exemplo, cita o caso dos Waimiri Atoari, no Norte do Amazonas, que, na ocasião de seu encontro com o branco, em 1905, era constituída por seis mil índios. Em 1968 este número estava reduzido à metade e, segundo levantamento recente, hoje são pouco mais de 500.

Sidney Possuelo, da Funai, concorda que o contato com o branco, trazendo suas doenças e hábitos para o meio indígena, é sempre maléfico, por melhor que seja feito. Segundo ele, as missões católicas também têm feito contatos indevidos. No entanto, se essa atração não fosse feita, as frentes pioneiras da sociedade nacional acabariam dizimando o índio, num verdadeiro extermínio.